

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
DEPARTAMENTO DE ZOOTECNIA

**PANORAMA DA PRODUÇÃO LEITEIRA DE PEQUENAS
PROPRIEDADES SITUADAS NA GLEBA CORONEL ARI: MUNICÍPIO
DE PONTES E LACERDA - MT – UM ESTUDO DE CASO**

Autora: Aianne Batista Lira
Orientadora: Profª. Ma. Dilma Alves da Silva

“Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Zootecnia, apresentado ao Departamento de Zootecnia da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como parte das exigências para obtenção do título de BACHAREL EM ZOOTECNIA”.



PONTES E LACERDA
JUNHO/2012

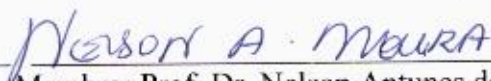
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
DEPARTAMENTO DE ZOOTECNIA

PANORAMA DA PRODUÇÃO LEITEIRA DE PEQUENAS PROPRIEDADES
SITUADAS NA GLEBA CORONEL ARI: MUNICÍPIO DE
PONTES E LACERDA-MT UM ESTUDO DE CASO

Autora: Aianne Batista Lira



Orientador: Profa. Ma. Dilma Alves da Silva



Membro: Prof. Dr. Nelson Antunes de Moura



Membro: Engº Agrº Luciano Cardoso

PONTES E LACERDA
JUNHO/2012

A Deus.

À minha família.

Aos meus amigos.

Aos que contribuíram para minha formação acadêmica.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ser o Senhor da minha vida, por ter me capacitado e me concedido esta oportunidade, a Ele toda a honra e Glória eu dou.

À minha família que desde o princípio sonhou este sonho junto comigo, meu pai Julimar, minha mãe Ronivete e meu irmão Julimar Filho. Obrigada por todo o apoio e compreensão que me foi dada além do amor a mim dedicado desde sempre. Aos parentes que mesmo distantes me incentivaram.

À Universidade do Estado de Mato Grosso em conjunto com seus funcionários, por ter possibilitado a realização deste trabalho.

A minha orientadora Prof.^a Ma. Dilma Alves da Silva, por ter disponibilizado seu tempo para me auxiliar e nunca ter negado ajuda quando precisei, por ter tido paciência além de me passar seus valiosos conhecimentos. Com ela aprendi valores humanitários, a paixão pela extensão rural, o que me fez ter certeza do que gosto e quero continuar estudando. Um exemplo de mulher, de mãe, esposa e profissional que ama o que faz e ensina por prazer, não por dinheiro e muito menos por obrigação.

Ao Prof.^o Me. Samuel Laudelino Silva o qual me auxiliou na elaboração do questionário deste trabalho e em tantas outras, sendo um mentor para a minha produção no decorrer da vida acadêmica. Ao Núcleo NATER, o qual este é coordenador, pela oportunidade de ser bolsista em um grupo tão produtivo e ligado a agricultura familiar.

Agradeço a todos os professores do Departamento de Zootecnia, pois no decorrer de minha formação fizeram com que eu compreendesse seus ensinamentos, sanaram minhas dúvidas e sem dúvida me fizeram enxergar um novo mundo.

Aos meus colegas e amigos de classe, que comigo compartilharam tantos momentos divertidos e complicados durante esses anos todos.

Aos meus amigos Kamila Bessa, Hanner Karim, Thiago Trento e Júnior Fernandes pela amizade construída e que sem dúvida fez a diferença em muitas situações, pelo companheirismo nos trabalhos acadêmicos, provas, noites em claro para estudar, viagens, tudo que no fim resultou em admiração, diversão, momentos que ficaram marcados. A vocês eu deixo o meu obrigado pela amizade, essa que quero carregar comigo para todo o sempre.

"Escolhi a botina porque minha vaidade está abaixo da fome das pessoas.

Porque o trabalho árduo não me assusta.

Escolhi estar no campo para garantir o conforto dos que moram nos grandes centros.

Escolhi aumentar a produtividade, em prol da natureza e da extinção da fome no mundo.

Escolhi acima de tudo, a simplicidade, a sabedoria e a resignação do produtor rural.

Eu escolhi ser Zootecnista"

(Autor desconhecido)

RESUMO

A atividade leiteira gerenciada pela agricultura familiar é definida como um setor crescente na região de Pontes e Lacerda – MT. Logo, esta matéria prima merece atenção quanto a sua produção. A pesquisa foi realizada na Gleba Coronel Ari, localizada no município de Pontes e Lacerda - MT com 15 produtores, sendo que a Gleba possui ao todo 36 produtores. Aplicou-se um questionário com a finalidade de elucidar diversas variáveis inerentes a vida do agricultor familiar e a sua produção pecuária. Um destes foi que os agricultores familiares possuem em média 44 anos de idade, com relação à produção os resultados foram abaixo do ideal. A média de matrizes lactantes foi de 30 vacas, a produção leiteira diária foi em média 165,66 litros/leite/dia sendo que a média de litros de leite por vaca foi de 5,31 litros/leite/vaca/dia e a mensal atingiu os 5.170 litros. A baixa produção pode se dar devido à genética do rebanho, a alimentação inadequada e a falta de sanidade, entre outros fatores de menor interferência. Pôde-se observar que 33% dos agricultores cursaram até a 4ª série do ensino fundamental. Com relação à assistência técnica, somente 3 agricultores recebiam visitas técnicas, ainda assim, quando solicitadas. A deficiência de escolaridade pode afetar a gestão da propriedade e a falta de assistência técnica extensionista é um entrave para o sucesso da produtividade. Outros fatores foram analisados no decorrer do trabalho, como: forma de pastejo, quantidade de tanques de expansão, controle leiteiro, entre outros. Todos estes fatores podem ser corrigidos através de uma melhor assistência técnica, que confira conhecimento aos agricultores através de pesquisas que possam interagir com os mesmos, proporcionando uma extensão rural eficiente: agricultores familiares x universidade.

Palavras - chave: Agricultura familiar, extensão rural, produção leiteira e sustentabilidade.

ABSTRACT

The dairy business managed by the family farm is defined as a growing sector in the region of Pontes e Lacerda - MT. Therefore, it deserves attention as raw material to produce it. The survey was conducted in Glebe Colonel Ari, in the municipality of Pontes e Lacerda - MT with 15 producers, and the Glebe has a total of 36 producers. We applied a questionnaire with the aim of elucidating many variables inherent in the life of family farmers and their livestock. One of these was the farmers have an average age of 44 with respect to output the results were less than optimal. The average arrays in milk was 30, 73, daily milk production was 165.66 liters / milk / day and the average liters of milk per cow was 5.31 liters / milk / cow / day and reached a monthly to 5170 liters. The low production can be due to genetics of the herd, poor diet and lack of sanitation, among other factors less interference. It was observed that 33% of farmers had completed the 4th grade of elementary school. With regard to technical assistance farmers received only 3 technical visits, yet, when requested. The lack of education can affect the property management and lack of extension service is an obstacle to the success of productivity. Other factors were analyzed in this work, as the form of grazing, the amount of cooling tanks, milk control, among others. All these factors can be corrected through better service, which provides knowledge to farmers through research that can interact with them, providing an efficient extension: farmers x university.

Key - words: Family agriculture, rural extension, milk production and sustainability

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Pastagem degradada.....	16
Figura 2: Divisão de piquetes em pastejo rotacionado.....	17
Figura 3: Grau de Escolaridade dos Agricultores Familiares	18
Figura 4: Número de propriedades que realizam 1 ou 2 ordenhas diárias	20
Figura 5: Tecnologia de resfriamento	21
Figura 6: Formas de ordenhas utilizadas pelos produtores em %	21
Figura 7: Quantificação de produtores que realizam o controle leiteiro de suas produções ...	22
Figura 8: Distribuição da comercialização leiteira no município de Pontes e Lacerda	24
Figura 9: Preço por litro de leite pago aos produtores pelas respectivas empresas	24
Figura 10: Sistema de pastejo utilizado pelos agricultores familiares	26
Figura 11: Classificação realizada pelos produtores quanto a disponibilidade de sombra para os animais em suas propriedades.....	27
Figura 12: Orientação Técnica Qualificada	28
Figura 13: Os agricultores familiares estão satisfeitos com sua renda mensal e produção leiteira?	29

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	12
2.1 Produção Leiteira nas Pequenas Propriedades	12
2.3 Manejo de Pastagens	14
2.4.1 Pastejo Contínuo.....	15
2.3.2 Pastejo Rotacionado	16
2.3.3 Pastejo Semi-contínuo	17
2.4 O Leite	17
3 MATERIAL E MÉTODOS.....	19
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	20
REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

A assistência técnica e a extensão rural têm importância essencial no processo de difusão de novas tecnologias, oriundas da pesquisa, e de conhecimentos distintos, essenciais ao desenvolvimento rural em um sentido extenso e, designadamente, ao desenvolvimento das atividades agropecuária, florestal e pesqueira. As ações de extensão rural no Brasil foram institucionalizadas nacionalmente há mais de 50 anos. Este tema é motivo de constante discussão, tanto nas academias quanto entre os gestores de políticas públicas, assim como entre extensionistas. Existem diversos estudos, nacionais e internacionais, avaliando aspectos históricos, modelos e sistemas, metodologia de ação, formas de organização e casos diversos. Mas, visivelmente há uma carência de estudos sobre a regulação desta atividade (PEIXOTO, 2008).

No Brasil os serviços de Ater (Assistência Técnica e Extensão Rural) foram iniciados no final da década de quarenta, no desenvolver do contexto da política do pós-guerra, com a finalidade de gerar melhorias nas condições de vida da população rural e amparar o processo de modernização da agricultura, introduzindo-os nas estratégias voltadas à política de industrialização do país. Esta política foi imputada como um serviço privado ou paraestatal, com auxílio de entidades públicas e privadas. (SANTOS, 2009)

De acordo Callou, (2009) os vínculos que unem Extensão Rural ao desenvolvimento local são, do ponto de vista teórico, ainda principiante. Não podendo ser de outra forma, pois ainda se encontra em fase de construção o extensionismo contemporâneo.

Devido à importância de uma Extensão Rural eficaz, que realmente atinja as famílias rurais como solução governamental, instituiu-se a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural – PNATER (BRASIL, 2004).

O PNATER busca propiciar ações capazes de propagar e materializar estratégias de desenvolvimento rural sustentável, melhorando as condições de vida das famílias rurais. Consequentemente, cultivando e comercializando alimentos saudáveis pela produção agrícola, e matérias primas, além da negociação em mercados locais, regionais e internacionais. Além de impulsionar a agroindustrialização e outras formas de agregação de renda à produção primária. Métodos estes que devem englobar recursos financeiros e humanos, com todos os meios possíveis para proporcionar o fortalecimento da agricultura familiar no Brasil (BRASIL, 2004).

Este trabalho teve como objetivo elucidar diversas variáveis inerentes à vida do agricultor familiar e a sua produção pecuária leiteira através de um questionário aplicado às famílias rurais, para que as dificuldades fossem expostas e os interesses quanto à tecnificação da atividade fossem visualizados pela sociedade a fim de aflorar a assistência técnica e a extensão rural na vida da sociedade acadêmica além de mostrar estes dados para a população municipal.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Produção Leiteira nas Pequenas Propriedades

A atividade leiteira é muito antiga, desde o Brasil colônia quando teve início o surgimento das primeiras cidades, e, conseqüentemente, a necessidade de adquirir leite para as crianças, já que nem todos possuíam condições e espaço suficiente para criar uma matriz em produção. Os anos se passaram e a comercialização do leite aprimorou-se com os leites longa vida com capacidade de meses de prateleira, porém, muitos pecuaristas ainda comercializam o leite cru, a granel, de porta em porta, na rua, como forma de subsistência em meio à globalização (BERNARDES FILHO, 2001). Devido à competitividade de mercado, a necessidade de qualidade do produto e os melhores preços, os pecuaristas se viram na necessidade de melhor administrarem suas propriedades, mesmo sendo pequena, buscando ser mais produtivos, reduzir os custos possuindo, então, um melhor controle de sua propriedade. Possibilitando também tomadas de decisões mais rápidas (LOPES, et. al., 2004).

Para os pequenos agricultores as condições de sucesso são mais difíceis. A capacidade de gestão na maioria dos casos advém dos seus antepassados, e neste contexto uma preocupação com a relação custo x benefício, com intensificação da produção, investimentos, gastos, entre outros, não são contabilizados ou sequer cogitados. E o sucesso do empreendimento pode estar comprometido pela falta de capacidade de gerenciamento, tamanho da propriedade (ha), acesso a créditos, assistência técnica e padrão tecnológico (PEREIRA, 2011). Hanashiro, (2011) elucida que há maiores chances de um empreendimento ser bem sucedido quando existe um agente trabalhando de forma ativa em todas as etapas de produção deixando de ser apenas espectadores. De acordo com Caporal, (2006), esta inter-relação deve favorecer o estabelecimento de plataformas de negociação entre técnicos e agricultores que permitam a construção de novos saberes, além de compatíveis com a vida real das famílias agricultoras.

2.2 A Importância dos Agentes de ATER para a Agricultura Familiar

A agricultura familiar necessita de assistência técnica qualificada, de capital para investimentos, de mão-de-obra, como também implementos agrícolas, pois, esses agricultores além de carentes, são desprovidos dos fatores supracitados. Limitando, assim, sua linha de produção, onde as atividades são desenvolvidas pela própria família como também o conhecimento das técnicas utilizadas durante o processo de produção. Por esses motivos, a assistência técnica é tão importante e como solução governamental instituiu-se a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural – PNATER (BRASIL, 2004).

O PNATER objetiva propiciar uma ação capaz de implantar e consolidar estratégias de desenvolvimento rural sustentável, instigando a geração de renda e de novos postos de trabalho. Oferecendo, assim, alimentos saudáveis através da produção agrícola e matérias primas, além da comercialização em mercados locais, regionais e internacionais, bem como incentivar a agroindustrialização e outras formas de agregação de renda à produção primária. Essa visão deve unir recursos financeiros e humanos, com parcerias eficazes em todos os aspectos desde que voltados ao fortalecimento da agricultura familiar no Brasil (BRASIL, 2004).

É real que após a admissão do PNATER 2003, a capacitação de agentes em ATER e a aplicação das exigências quanto às metodologias e conceitos seria uma problemática (TROVATTO et al., 2009). A idéia central em modificar a visão e implantação de uma assistência técnica para agricultores familiares é valiosíssima, entretanto na prática essa idéia se torna um tanto dificultosa devida alguns impasses como, por exemplo, aos técnicos já capacitados em uma antiga visão e que deverão se adaptar a nova maneira de trabalho, os quais também são responsáveis pela formação de futuros técnicos extensionistas. A aceitação por parte dos agricultores é outro fator importantíssimo e que deve ser levado em conta.

De acordo Caporal, 2006, as formas de intervenção devem favorecer o estabelecimento de plataformas de negociação entre técnicos e agricultores que permitam a construção de novos saberes e mais condizentes com a vida real das populações envolvidas. Estes novos saberes, no cotidiano, pode ser aqueles conhecimentos sobre a realidade social, ambiental, econômica, cultural e política, onde agricultores e técnicos buscam o “desenvolvimento”. Ou seja, é necessária uma interligação entre o técnico e o agricultor, o extensionista deve conhecer a população que assiste e que oferece seus serviços.

Balem e Donazzolo, 2007 confirmam: “Portanto, para uma intervenção neste agroecossistema, há a necessidade de uma nova base técnico-metodológica, que requer um novo profissional, um ‘agente de desenvolvimento’, com capacidade e habilidade muito além de apenas vender pacotes”. Para um trabalho bem sucedido se faz necessário a junção destas

duas vidas distintas, é indispensável viver a realidade do agricultor, sua rotina, dificuldades, pois nem sempre o que a literatura diz se aplica a todos os casos.

2.3 Manejo de Pastagens

Existem diversos métodos de se manejar uma pastagem, esses métodos são a forma através da qual uma pastagem é utilizada sob pastejo. Cada propriedade utiliza o melhor método se adequando ao tamanho, quantidade de animais, aptidão destes animais, mão – de – obra, entre outros. Os principais utilizados pelos produtores da região de Pontes e Lacerda são os de manejo intensivo, semi-intensivo e rotacionado.

Gomide e Gomide, (1999) afirmam que “A exploração do rebanho bovino depende, fundamentalmente, da produção de forragem, principalmente daquelas espécies que constituem as áreas de pastagens. Com frequência, as plantas forrageiras constituem a única fonte de nutrientes indispensáveis ao crescimento, à saúde dos animais, assim como à reprodução do rebanho. Daí, a importância do manejo correto das pastagens, que deve objetivar: maximização da produção forrageira e da eficiência de uso da forragem produzida, observada a estabilidade da pastagem”. Sendo a forragem a principal fonte de alimento dos bovinos, é interessante manejá-la de forma que esta seja fornecida sempre com a melhor qualidade possível, respeitando sempre seu período de descanso, de rebrote, visando sua elevada produtividade. É possível a elucidação do desempenho das pastagens de acordo com a frequência de pastejo através das Tabelas 1a e 1b.

Quadro 1a. Desempenho de pastagens regionais em virtude da frequência de pastejo (sistema de pastejo).

Frequência ou sistema de pastejo	Definição	Indicação	Investimento	Produção	
				Por Animal	Por Hectare
Contínuo	O gado fica mais de 30 dias numa mesma pastagem	Sistemas extensivos (pastagens de baixa produtividade ou nativas, baixa lotação animal)	Baixo (em cercas)	Média /alta	Média / baixa

Fonte: Adaptado de Veiga e Tourrand (2001)

Quadro 1b. Desempenho de pastagens regionais em virtude da frequência de pastejo (sistema de pastejo).

Frequência ou sistema de pastejo	Definição	Indicação	Investimento	Produção	
				Por Animal	Por hectare
Rotativo menos intensivo	Pastagens com no máximo quatro subdivisões. O gado fica numa subdivisão por 7 a 30 dias, enquanto as outras descansam.	Sistemas menos intensivos (pastagem recém e bem fornada, média lotação animal).	Médio (em cercas)	Média	Média
Rotativo mais intensivo	Pastagens com mais de quatro subdivisões. O gado fica numa subdivisão por 1 a 7 dias, enquanto as outras descansam.	Sistemas intensivos (pastagem de alta produção e qualidade, solos adubados, alta lotação animal)	Alto (em cercas e adubos)	Média /baixa	Média /alta

Fonte: Adaptado de Veiga e Tourrand (2001)

2.4.1 Pastejo Contínuo

É o método de pastoreio em que os animais permanecem o ano inteiro sobre a pastagem, não havendo descanso. É mais simples de ser conduzido, sendo mais apropriado para o manejo de extensas áreas com pastagem nativa. Este método está mais aliado a tradição, sendo o mais empregado em manejo da pastagem. [...] A adoção de algumas práticas de manejo como: subdivisões, limpeza de campo, ajuste de lotação, adubação e um adequado manejo animal melhoram os resultados com o pastoreio contínuo. (MACHADO, 1999)

Esse sistema requer um menor investimento (cercas, cochos) sendo assim o mais utilizado. Mas é desvantajoso em certos pontos, por exemplo, quando se trata das excreções dos animais que neste caso são aleatórias, maior seleção a forragem pelos animais e se não cuidar da lotação, as plantas invasoras servem como bioindicadoras de degradação das pastagens, quando aumentam sua quantidade indica que maior é a degradação, como mostra a Figura 1:

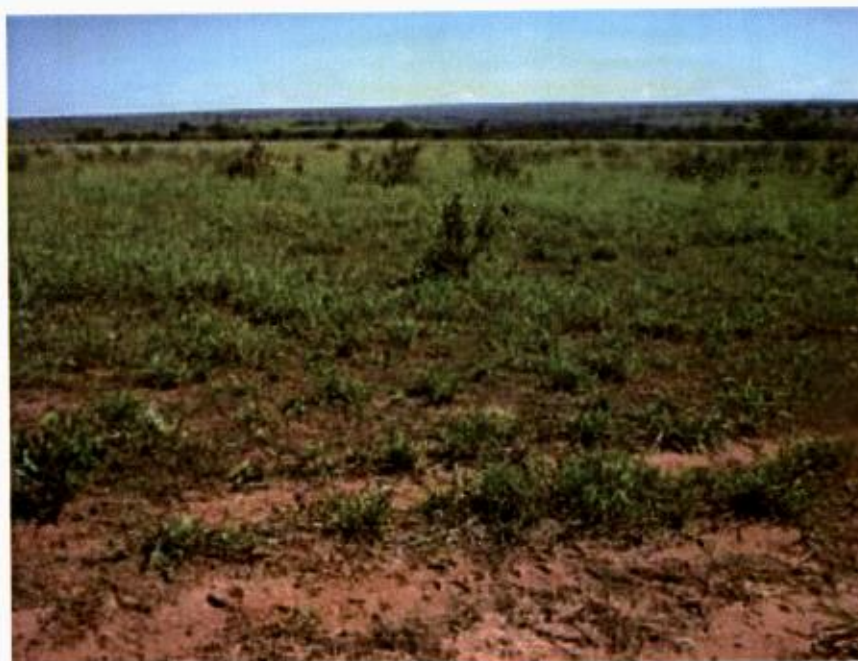


Figura 1: Pastagem degradada. Fonte: Jornal O Estado de São Paulo, (2011)

2.3.2 Pastejo Rotacionado

É um método de pastoreio que prevê descansos periódicos, com a retirada dos animais da pastagem. Uma forma rudimentar de pastoreio rotativo ou alternado era realizada por animais silvestres, através das migrações e pelos pastores. [...] Resumidamente, para a implantação do método de pastoreio rotativo em uma área de campo é necessário sua subdivisão em piquetes. Não há tamanho e número ideal de piquetes, sendo necessários, pelo menos de 8 a 10 potreiros para que haja rotação. Os animais entram em um piquete e só passam para o seguinte quando for consumida a maior parte do pasto produzido. Não devem permanecer mais do que cinco dias em cada potreiro, a fim de evitar que o rebrote da pastagem seja consumido. [...] Quando as condições são favoráveis, os animais retornam a um mesmo piquete num período mais curto, aproximadamente 30 dias. Caso contrário, se ocorrer períodos de seca ou geada, esse tempo deve ser superior, de 40 a 60 dias. (MACHADO, 1999)

É um sistema interessante onde se utiliza a mudança dos animais periodicamente a fim de promover um período de descanso a forrageira, como pode ser visto na Figura 2.



Figura 2: Divisão de piquetes em pastejo rotacionado. Fonte: Fraga, (2009)

2.3.3 Pastejo Semi-contínuo

Os manejos das pastagens se diferem quanto à intensidade de pastejo, quantidade de animais por hectare, tempo de pastejo por área, entre outros. Sendo assim, o sistema semi-intensivo é definido por ser de forma menos intensiva, ocorrendo rotação de pastagens de tempos em tempos. (MARTHA JÚNIOR et al., 2003)

2.4 O Leite

O leite é um dos alimentos mais completos que existe, é abastado em cálcio (essencial à formação e manutenção dos ossos), contém vitaminas A, que ajuda a visão, vitamina B12, importante no sistema nervoso e vitamina D, que ajuda na absorção do cálcio e do fósforo, otimizando a eficácia desses elementos. O leite também contém vitamina B1 e Vitamina C. Há também quantidades significativas de Niacina que ajuda o organismo a processar açúcares e ácidos graxos e Riboflavina, que exerce papel muito importante no desenvolvimento do

sistema nervoso. Além disso tudo, o leite é muito rico em proteínas, as quais são completas e proporcionam a formação e a manutenção dos tecidos do organismo. (PHYTOSUL, 2012)

O leite de vaca pode ser de classificado em três tipos (A, B e C). O tipo A possui mais gordura e menos proteína que o tipo B. O tipo C contém cerca de 3% de gordura e é utilizado para a fabricação de queijos e outros derivados do leite como, iogurtes e requeijões. (STODUTO, 2012)

3 MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada na Gleba Coronel Ari que se encontra no município de Pontes e Lacerda, o qual se localiza a sudoeste do Estado de Mato Grosso a 442,90 km da capital Cuiabá.

Este estudo foi realizado do dia 14 a 18 de setembro de 2011. Foram visitadas 15 propriedades rurais de forma aleatória, sendo que sua principal atividade desenvolvida era a leiteira, correspondendo a 41,66% das propriedades existentes (36) na Gleba Coronel Ari. Estas visitas foram realizadas para levantamento de dados concernentes a um panorama da produção leiteira de agricultores familiares através de um questionário, o qual era composto por perguntas relacionadas à produção leiteira, quantidade de matrizes em lactação e em descanso, fornecimento de concentrado e sal mineral, empresa para qual o produto (leite) é comercializado, valor pago ao produtor por litro de leite, se possui ou não tanque de expansão, raça do rebanho, quantidade de ordenhas por dia realizadas, se recebem ou não assistência técnica, método de pastejo entre outras perguntas concernentes a propriedade além de perguntas pessoais, como por exemplo, grau de escolaridade do produtor, quantos filhos possuem, quantos estudam, naturalidade, etc.

Os dados foram montados em forma de planilha no programa Office Excel 2007 e posteriormente transformados em gráficos pelo Office PowerPoint 2007 além de tabelas montadas no Office Word 2007. Os resultados foram avaliados individualmente e também correlacionados, conforme se ajustavam.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na pesquisa realizada constatou-se que a idade média dos produtores foi de 44 anos, sendo que a mínima é de 24 anos e a máxima de 65 anos. Com relação ao nível de escolaridade, averiguou-se que 80% dos produtores da Gleba Coronel Ari cursaram o ensino fundamental e apenas 20% atingiram o ensino médio, sendo que a 4ª série destacou-se com 33% do ensino fundamental e do médio. O que pode vir a comprometer o desenvolvimento da produtividade da Gleba como um todo devido ao baixo nível de conhecimento técnico. A Figura 3 mostra o grau de escolaridade dos agricultores.

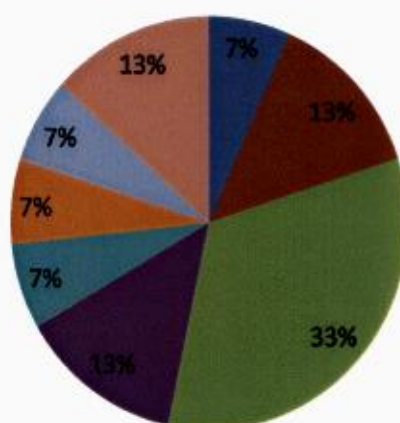


Figura 3: Grau de Escolaridade dos Agricultores Familiares

De acordo Rosanova e Ribeiro, (2010) a idade e o nível de escolaridade podem influenciar no tempo de trabalho dessas pessoas na agricultura familiar, demonstrarem a capacidade de gestão de cada um e a possível aceitabilidade com relação às tecnologias e a mão de obra qualificada.

Com relação à produção leiteira, é possível constatar que a média diária ainda está muito abaixo do ideal. Exceto as propriedades 8 e 15, que se destacaram pela capacidade de gestão dos agricultores mesmo seguindo os parâmetros de produção familiar, podendo ser esse destaque em função do tamanho da área da propriedade ou até por possuírem os dois

maiores números de rebanho. Estas também possuem mão-de-obra contratada e um pouco mais de tecnologia do que os outros agricultores familiares. Mas de forma geral, são necessárias muitas matrizes para produzir poucos litros de leite, conforme a Tabela 2.

Tabela 2 Panorama da produção leiteira de propriedades da Gleba Coronel Ari

Propriedade	Vacas em Lactação	Litros leite/ Diários	Litros/vaca	Produção mensal De leite
1	35	150	4,28	4500
2	15	100	6,66	3000
3	30	180	6,00	5400
4	30	150	5,00	4500
5	12	130	10,83	3900
6	4	20	5,00	600
7	15	40	2,66	1200
8	98	370	3,77	11100
9	30	50	1,66	1500
10	14	75	5,35	2250
11	20	60	3,00	1800
12	22	120	5,45	3600
13	20	80	4,00	2400
14	9	60	6,66	1800
15	107	1000	9,34	30000
MÉDIA	30,77	165,66	5,31	5170

O fator genético deve ser levado em conta neste caso, pois se os animais estivessem sob um processo de melhoramento genético, a seleção, acasalamento ou o cruzamento, provavelmente a produção leiteira por animal seria maior. Weissheimer, et. al (2007) constatou que propriedades de assentamento no Alto Xingu possuíam a produção leiteira média de 5 litros/vaca/dia. Estando as do Coronel Ari um pouco mais elevada com 5,31 litros/vaca/dia. As raças dos rebanhos podem ser consideradas SRD (Sem Raça Definida) na maioria das propriedades, apenas algumas detém de animais melhorados com diferentes graus de sangue, principalmente nas raças Girolando, Jersey, Holândes e Gir.

A alimentação também é outro fator limitante para este tipo de produção, pois sem uma alimentação adequada é impossível absorver todo o potencial de qualquer animal em qualquer categoria. A falta de sanidade também pode impedir o melhor desempenho dos animais.

Estes dados são um demonstrativo sobre a produção leiteira no interior de Mato Grosso e mais ainda, a necessidade de informação técnica que os agricultores familiares precisam.

O tradicionalismo se mostra um obstáculo a ser vencido por técnicos, cooperativas e instituições para que o conhecimento técnico e a necessidade de ajuda cheguem aos agricultores familiares, após esta conquista o capital seria o próximo obstáculo, já que tais famílias em sua maioria não dispõem de grandes capitais para investimentos, sendo um impedimento para que as técnicas sejam postas em prática.

Foi notificado também o número de ordenhas diárias efetuadas pelos produtores. E como resultados obteve-se que apenas 3 propriedades dentre as 15 realizam 2 ordenhas diárias como ilustrado na Figura 4.



Figura 4: Número de propriedades que realizam 1 ou 2 ordenhas diárias.

Segundo Ruas et al., (2006) a utilização de duas ordenhas diárias durante toda a lactação acarretou no aumento de 24,54% na produção total de leite no final da lactação e em torno de 699,9 kg de leite a mais em relação à utilização de apenas uma ordenha diária. Sendo assim, os produtores que trabalham com duas ordenhas diárias tem a possibilidade de extrair maior potencial das matrizes e aqueles que trabalham com apenas uma ordenha diária estão “perdendo” produção leiteira.

Vale considerar que, com o aumento de ordenhas diárias, existe o aumento nos gastos e mão-de-obra, logo, cabe ao produtor classificar como viável ou não para seu “bolso”. De acordo os produtores pesquisados que não utilizam duas ordenhas, os dois maiores motivos pelo qual não o fazem é devido à mão de obra e a inviabilidade (já que as matrizes não

possuem grandes produções leiteiras), pois precisam dos filhos para auxiliar neste manejo e estes estudam no período vespertino, podendo colaborar somente na ordenha matinal.

Com o aumento da produção leiteira e buscam por elevados níveis tecnológicos, o tanque de expansão e as ordenhas mecânicas tornaram-se alvos de aquisição para os produtores. Na pesquisa, quantificou-se a existência de tanque de expansão e ordenhas mecânicas, as quais são demonstradas nas figuras 5 e 6, sucessivamente.

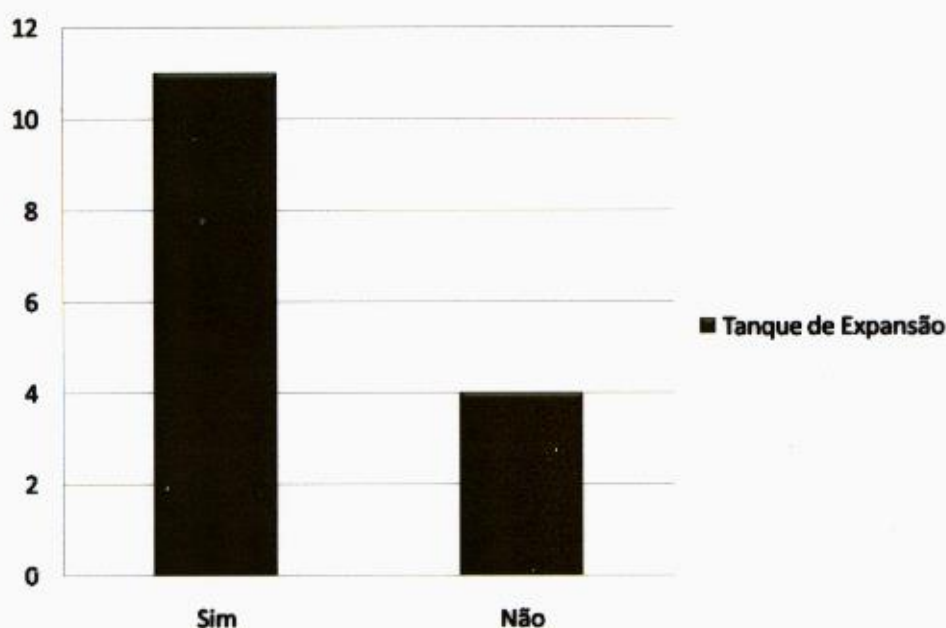


Figura 5: Tecnologia de resfriamento

Percebe-se que 11 propriedades possuem tanque de expansão e apenas 4 ainda não o tem. O tanque de expansão é eficiente em manter o leite sob forma segura e com qualidade até ser transportado para a indústria em caminhão com tanque isotérmico e processado. De acordo com Arcuri et al., 2005 a aquisição do leite de vacas sadias, em adequadas condições higiênicas, e o seu resfriamento instantâneo a 4°C são as medidas fundamentais e primárias para garantir a qualidade e a segurança do leite e seus derivados.

Na Gleba, 40% dos produtores leiteiros utilizam a ordenha mecânica, o que pode ser classificado como um dado incrível, pois em meio à agricultura familiar onde os subsídios são os menores, o capital é extremamente reduzido, a técnica e o conhecimento são raros e a mão-de-obra é familiar, mas ainda assim essas famílias lançam mão de tecnologia e, diga-se de passagem, não tão baratas visando uma melhor qualidade da matéria prima que produzem a fim de elevar os níveis de produtividade.

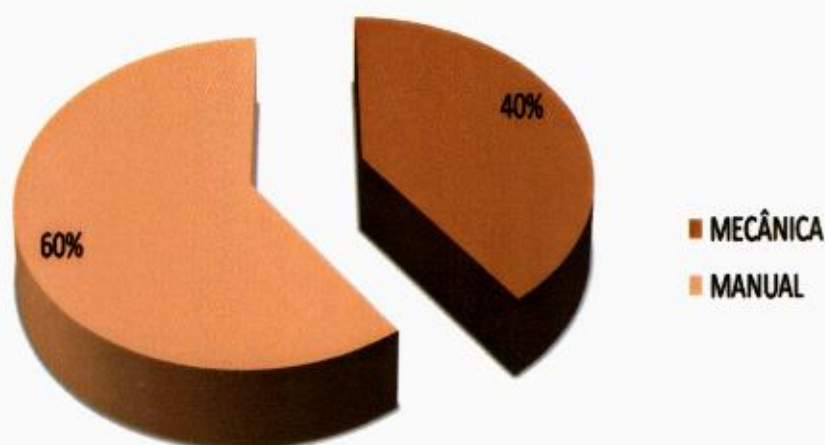


Figura 6: Formas de ordenhas utilizadas pelos produtores em %

Que os agricultores familiares têm vontade de crescer e tecnificarem suas atividades pecuárias, isso é notório diante o último dado demonstrado. Resta saber como o manejo com essas ordenhas mecânicas ocorre, haja vista que a assistência técnica quase não existe. Estes fatores nos levam a uma reflexão de como foi a forma de adaptação dos animais ao novo método de extração do leite, a sanidade dos mesmos, já que a disseminação da mastite é mais intensa quando em ordenhas mecânicas, pois o pré-dipping, não é realizado no decorrer da higienização dessas ordenhas, como também, a relação custo x benefício, entre tantas outras. Pois, se esses produtores não recebem assistência, como é que eles saberão manejar as tecnologias que o sistema impõe?

A ordenha mecânica pode ser funcional para este setor da pecuária, pois a maioria dos proprietários se encontram em idade avançada, média de 44 anos, tendo um maior desgaste físico e evitando maiores esforços.

Outro fator que contribui de forma significativa para a qualidade e principalmente produção das matrizes, é o controle leiteiro, que pode ser realizado pelos próprios agricultores. Este método também foi mensurado na pesquisa conforme a Figura 7.

De acordo Teodoro e Verneque, 2006 o controle leiteiro é uma ferramenta de aferição da capacidade de produção de uma matriz. É por meio dele que se obtém uma estimativa segura da produtividade do animal. Esta ferramenta possui três objetivos: no primeiro é possível balancear a dieta do animal de acordo com a sua produção, onde os que produzem mais comem mais. O outro é de que, através da mensuração da produção leiteira, é possível

aprimorar os parâmetros a fim de realizar o melhoramento genético do rebanho, acasalando e selecionando animais de maior produção. E por fim está a questão comercial, onde se acredita que a propaganda de características animais baseadas no controle leiteiro chame a atenção para animais genotipicamente superiores (melhor conformação), possibilitando, portanto uma maior visibilidade para o rebanho.

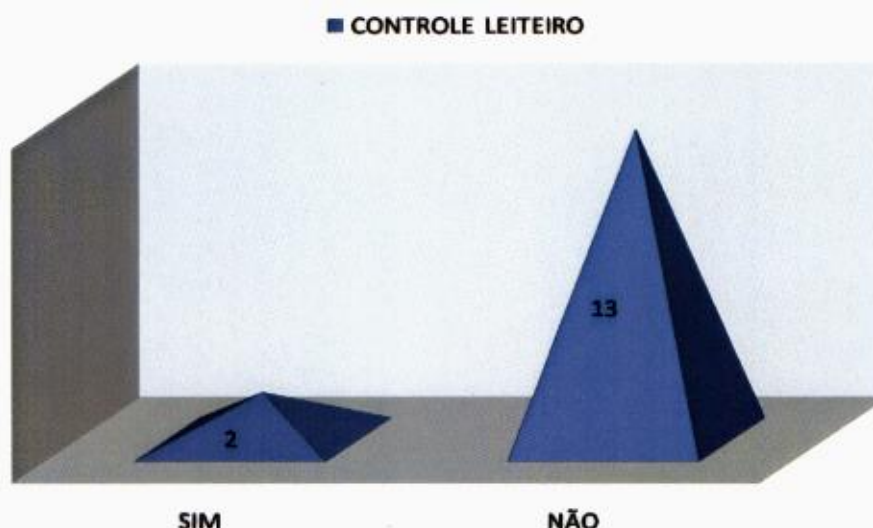


Figura 7: Quantificação de produtores que realizam o controle leiteiro de suas produções

Ainda, de acordo Teodoro e Verneque, 2006 o controle leiteiro deve ser realizado com intervalo mínimo de 15 dias e máximo de 45 dias. Deve ser contabilizada a produção de 24 horas, sendo assim, as matrizes devem ser esgotadas antes do período de controle leiteiro e os bezerros não podem mamar nas mesmas. É válido ressaltar que os animais devem ser muito bem identificados e possuírem anotações individuais. Neste processo, ainda existem outros fatores que podem auxiliar no desenvolvimento do controle, mas dependem do técnico para programar ou não.

Foi possível observar, de acordo com a Figura 5, que apenas 2 propriedades da Gleba Coronel Ari realizam o controle leiteiro, o que verdadeiramente é lastimável para desenvolvimento da atividade leiteira na região em questão, já que os produtores não possuem nenhum parâmetro com relação à produção leiteira das suas matrizes, muito menos têm a capacidade de saber se estão tendo lucro ou prejuízo com a atividade. A pesquisa aponta que estes não realizam o controle leiteiro devido o não conhecimento do quanto esta ferramenta seria útil para sua propriedade, além do “trabalho” que dá para realiza-lo.

No município de Pontes e Lacerda encontram-se 3 empresas coletoras de leite, que são: Coopnoroeste, Laticínio Vencedor e Laticínio Portilac. A única que processa a matéria-prima em suas instalações de Pontes e Lacerda é o Laticínio Portilac, as outras empresas apenas recolhem o leite da região e o transportam até sua base de processamento. A comercialização do leite distribuída com tais empresas pode ser visualizada na Figura 8:

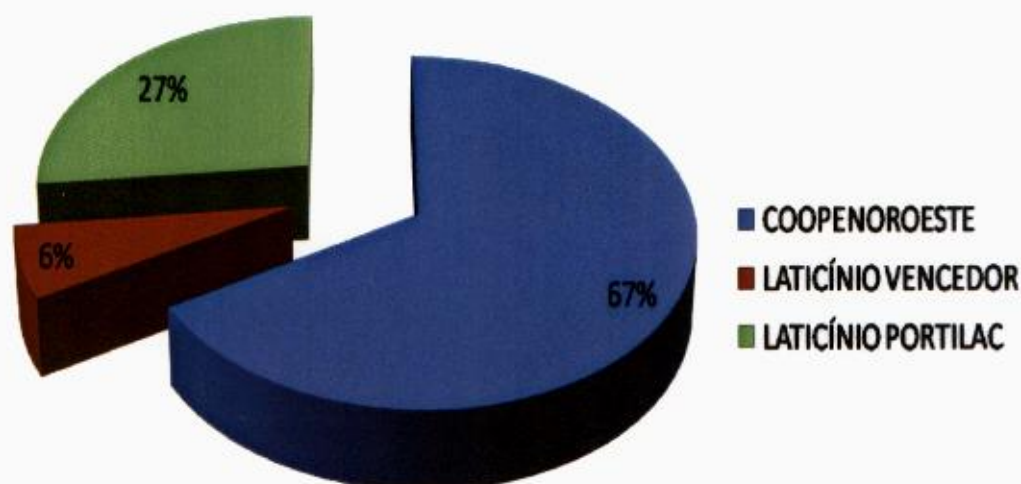


Figura 8: Distribuição da comercialização leiteira no município de Pontes e Lacerda

A empresa Coopnoroeste possui a preferência dos produtores, seguida pelo Laticínio Portilac e por fim o Vencedor, talvez pelo fato da empresa preferida ser uma cooperativa de produtores rurais disponibilizando maiores vantagens para os clientes.

Mas a concorrência é interessante para o comércio leiteiro, e o produtor acaba ganhando com a disputa por melhores preços ofertados a eles pelas empresas.

Não se poderia deixar de apurar as variações dos preços por litro de leite, este pode ser visualizado na Figura 9.

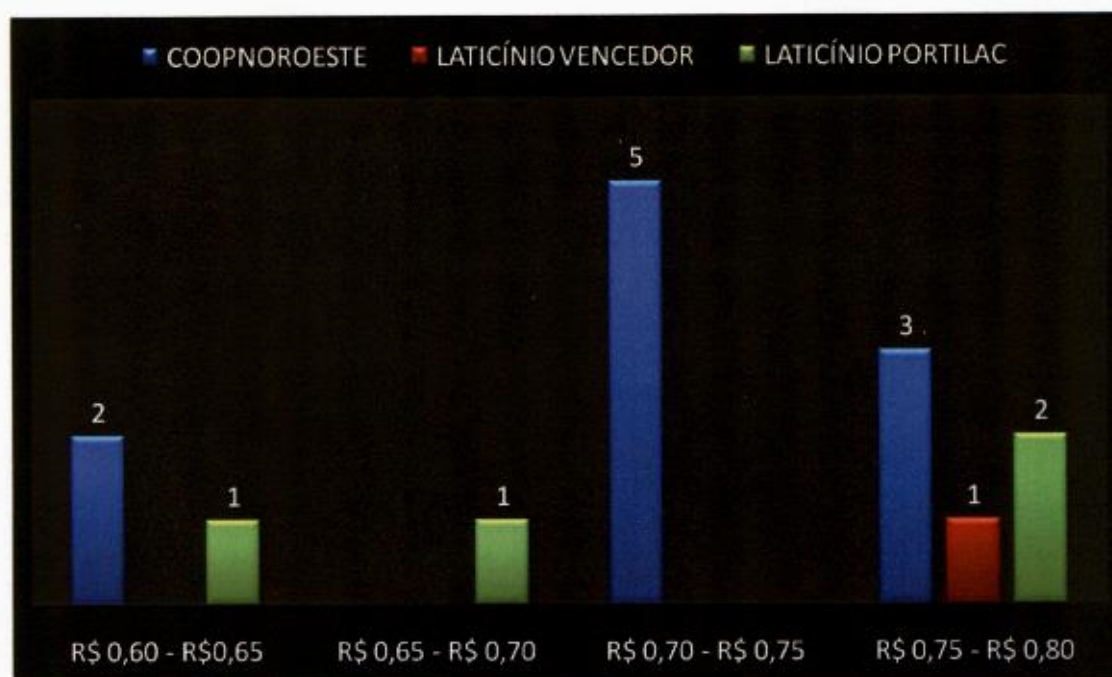


Figura 9: Preço por litro de leite pago aos produtores pelas respectivas empresas

Dentre as 3 empresas o Laticínio Vencedor aparece somente no valor de 75 – 80 centavos. O preço de maior frequência paga aos produtores é o de 70 – 75 centavos compreendendo 5 propriedades. E o Laticínio Portilac é o único que apresentou pagamento entre 65 – 70 centavos.

Quadro 2. Média de valor pago aos produtores por litro de leite no mês de Abril de 2012 de acordo CEPEA, (2012).

ESTADO	PREÇO (CENTAVOS)	ESTADO	PREÇO (CENTAVOS)
GOIÁS	0,91	CEARÁ	0,87
MINAS GERAIS	0,89	MATO GROSSO DO SUL	0,76
SÃO PAULO	0,89	RIO GRANDE DO SUL	0,85
ESPIRITO SANTO	0,86	SANTA CATARINA	0,81
RIO DE JANEIRO	0,88	MATO GROSSO	0,52
BAHIA	0,84	PARANÁ	0,83

A pastagem é a fração mais econômica da alimentação dos herbívoros, pois além de ser produzida na própria fazenda não precisa ser colhida quando consumida diretamente pelos animais. É fato que a pecuária brasileira possui baixos índices zootécnicos os quais estão diretamente relacionados aos erros de cultivo das forrageiras e dos sistemas de manejo do rebanho a pasto. Um dos principais motivos apontados pelos produtores é a falta de controle da carga animal sobre a pastagem associado a sistemas de manejos inadequados. (NASCIMENTO, 2011)

A Figura 10 elucida as formas de pastejo mais utilizados pelos produtores da Gleba Coronel Ari:

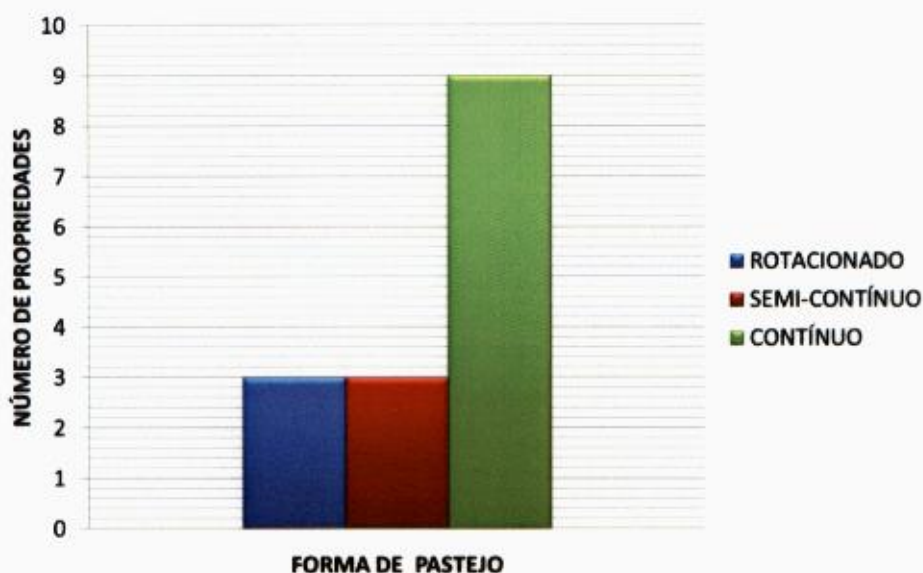


Figura 10: Sistema de pastejo utilizado pelos agricultores familiares.

É notório que a maioria das propriedades possui suas pastagens manejadas de forma contínua. E que a forma semi-contínua e rotacionado restringe a apenas 6 propriedades.

É provável que a forma de pastejo contínuo seja mais difundida na Gleba devida a facilidade de manejar, redução dos custos com implantação de cercas, bebedouros, saleiros, entre outros. Apesar dessas facilidades, este pastejo requer atenção para a extração desuniforme da pastagem pelos animais, superlotação animal, compactação e extração dos minerais do solo, etc.

A sombra no pasto tem função importante para manter um bem estar térmico aos animais. De acordo Jordan (2003), o estresse térmico, ventos e chuvas fortes são maléficos

para o desempenho produtivo e reprodutivo dos animais, proporcionando um aumento no gasto de energia para manutenção associado à redução do consumo.

Barbosa Filho et al., 2010 descrevem reduções de 10 a 50% na produção de leite em função do estresse por calor e de reduções de até 10% no consumo de matéria seca de bovinos de corte quando a temperatura ambiente se eleva de 25°C para 30°C (Barbosa Filho et al., 2010).

Baseado no bem estar térmico dos animais, foi solicitado aos agricultores familiares que julgassem a quantidade de sombra de suas propriedades como: ruim, boa e ótima. O resultado pode ser visualizado na Figura 11.



Figura 11: Classificação realizada pelos produtores quanto à disponibilidade de sombra para os animais em suas propriedades.

Somente 2 propriedades foram qualificadas como ruins em sombreamento, 4 como ótimas e 9 como boas. O que nos revela uma considerável taxa de desmatamento e, consequentemente, de redução na produção leiteira, já que a falta de sombreamento ocasiona perdas na produção, principalmente em vacas leiteiras.

O próximo item demonstrado é o de caráter extensivo. Onde se pôde verificar que este fator ainda é muito falho em meio aos produtores. Na gleba somente 3 do total de 15 agricultores familiares, disseram receber assistência técnica.

Mesmo assim, essa assistência era fornecida quando solicitada pelo agricultor em alguma eventualidade, podendo possuir intervalos de até 3 meses ou mais sem nenhuma visita técnica. O que torna de certa forma inviável toda e qualquer disponibilidade de recursos para este fim. Pois, para a assistência técnica ser eficaz, necessita-se de frequência de visitas, proporcionando aos agricultores um maior desenvolvimento das suas atividades agropecuárias, o que pode ser visualizado na Figura 12.

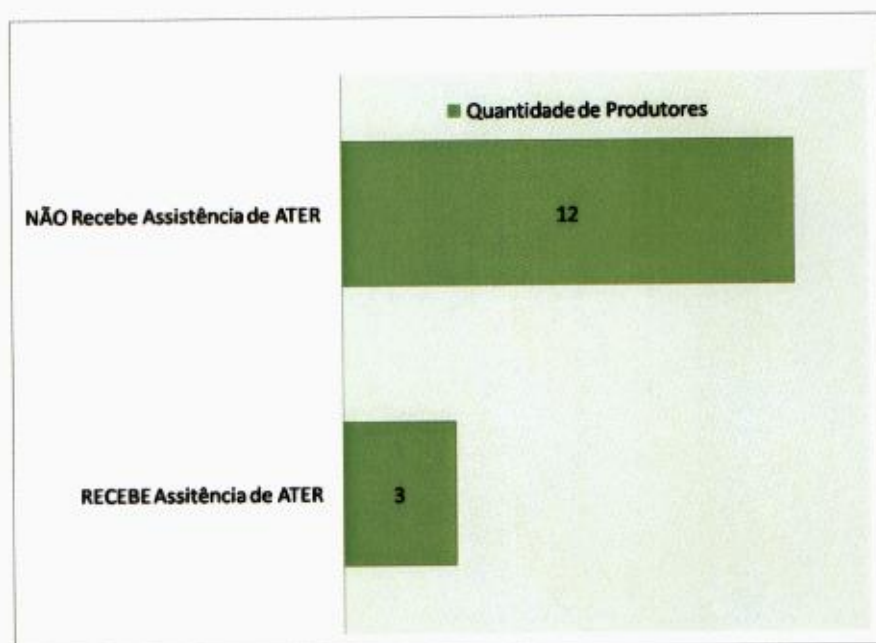


Figura 12: Orientação Técnica Qualificada

Com o objetivo de não cometer os mesmos erros do passado, a capacitação e orientação sobre o desenvolvimento rural sustentável deverão vir antes de qualquer ação propositiva em busca da produtividade. (FORMATER, 2009)

Já que os assistentes técnicos são a ponte entre universidade-produtor, acredita-se que ao se oferecer cursos contínuos em Manejo Ecológico e Conservação dos Solos e da Água, voltados para profissionais das ciências agrárias, de nível médio e/ou superior, os agricultores familiares poderão repassar/praticar todo este conhecimento em seu cotidiano de trabalho de forma eficiente e dinâmica. (CNATER, 2010)

Por fim, a figura 13 elucida a satisfação do produtor rural com relação a sua produção. Foi questionado aos produtores o seu contentamento com as suas atividades dentro das porteiras da propriedade. O que engloba o manejo com os animais, serviços braçais para com

manutenção de cercas, currais, o cuidado com os bezerros recém-nascidos, o próprio ato da extração do leite nas matrizes (que em sua maioria ainda é manual), a sanidade para com o ambiente e do próprio tanque de expansão, ordenha mecânica (nos casos das famílias que possuem essa tecnologia) e com todos os animais, já que esses ainda que, por mais arcaicos que sejam, recebem manejos sanitários incluindo vacinas do calendário brasileiro de vacinação (febre aftosa e brucelose).

Após embasamento em todos esses processos, buscaram-se correlacionar as atividades desenvolvidas com a remuneração recebida pelas famílias, no caso apenas o holerite advindo da produção leiteira mensal, o que excede é oriundo apenas da venda de algum animal em casos de emergências, diárias trabalhadas em outras propriedades, comercialização de produtos na “feira do produtor” na cidade de Pontes e Lacerda. Mas em sua maioria, a renda das famílias da Gleba é baseada apenas na pecuária leiteira.

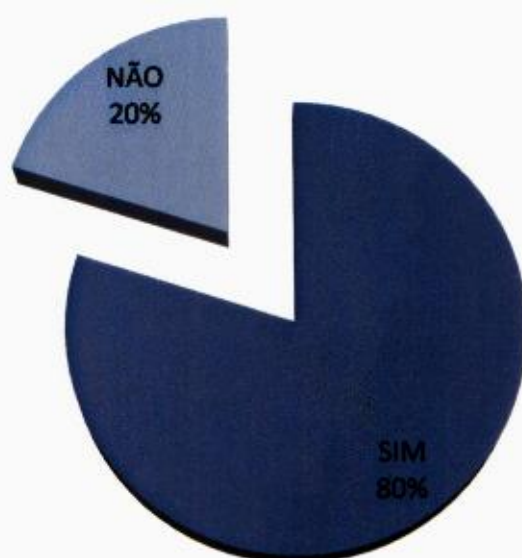


Figura 13: Os agricultores familiares estão satisfeitos com sua renda mensal e produção leiteira?

Apesar de tanta dificuldade, 80% dos agricultores familiares se disseram satisfeitos com a situação na qual se encontram. O que nos mostra o quanto essas pessoas gostam da atividade em que trabalham. Trabalham por prazer, por que realmente gostam de cultivar a terra e os animais.

5 CONCLUSÃO

A produção leiteira na Gleba Coronel Ari e de tudo o que a envolve, de forma generalizada ainda deixa a desejar em inúmeros fatores. Estes fatores prejudicam não só o agricultor de forma individual como também todas as propriedades.

O interessante seria coligar as Universidades com suas pesquisas e atividades extensionistas com a necessidade de assistência do agricultor rural, pois devemos devolver para a sociedade o valor do investimento feito em nossa formação. Assim, as entidades educacionais ganhariam área para executarem as pesquisas, os alunos teriam a oportunidade de praticar a teoria adquirida em sala de aula e os produtores estariam recebendo a mão de obra gratuita e automaticamente sendo conscientizados sobre a necessidade que eles possuem com relação a uma consultoria rural. Surgiria, portanto, uma relação de “simbiose” entre universidade e produtor através de assistência técnica realizada por universitários auxiliados pelos docentes. Assim os cursos teriam mais prática e o produtor mais assistência.

É preciso que a agricultura familiar receba maior atenção pelos extensionistas e técnicos, já que essa classe de produtores são os detentores da produção de alimentos para nós (quem fica no país), tendo em vista que o grande produtor exporta. O pequeno produtor é a mola motriz da nação, o que fortalece e propicia o recomeçar, esse público carece de pessoas qualificadas para ajudá-los a continuar.

REFERÊNCIAS

- ARCURI, E. F. Qualidade microbiologia do leite refrigerado nas fazendas. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**. V. 58, N. 3, p. 440 – 446, 2006.
- BALEM, T. A. E DONAZZOLO, J. Formação profissional nas ciências agrárias: um desafio para o desenvolvimento sustentável. **Revista Brasileira de Agroecologia**, Juiz de Fora, V.2, N.1, p. 322-325, Fev. 2007.
- BARBOSA FILHO, J.A.D.; SILVA, I.J.O.; MELLACE, E.M. **Ambiência e instalações para novilhas leiteiras**. In: PEREIRA, E.S. et al. (Ed.). Novilhas leiteiras. Fortaleza: Graphiti, 2010. p. 593-632.
- BERNARDES FILHO, A. J. Melhoria da comercialização da produção dos pequenos e médios pecuaristas de leite da cidade de São João da Boa Vista. **Economia e Gestão**, Belo Horizonte. V.1, N. 2, p. 108 – 116, jul/dez, 2001.
- BRASIL. **Ministério do Desenvolvimento Agrário. Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural**. Brasília: MDA/SAF, 2004, 26 p.
- CALLOU, A. B. F. Extensão rural e desenvolvimento local: significados contemporâneos. **Unirevista**, UFRPE. V. 1, N. 3. p. 1 – 9, julho, 2006.
- CAPORAL, F.R. **Política Nacional de Ater: primeiros passos de sua implementação e alguns obstáculos e desafios a serem enfrentados**. In: TAVARES, J. R.; RAMOS, L. Assistência Técnica e Extensão Rural: Construindo o Conhecimento Agroecológico. Manaus: IDAM, 2006. p. 9-34.
- CEPEA, Leite: **Apesar de entressafra, agentes esperam recuo nos preços**. Disponível em: < <http://www.noticiasagricolas.com.br/analises/leite-cepea/106503-leite-apesar-de-entressafra--agentes-esperam-recuo-nos-precos.html>>. Acesso em: 31 mai. 2012
- FRAGA, L. **Aracruz recebe orientações para melhorar a qualidade das pastagens**. INCAPER, 2009. Disponível em: <http://www.incaper.es.gov.br/?a=noticias/2009/novembro/noticias_03_11_2009_1>. Acesso em: 01 mai. 2012.
- GOMIDE, J. A. e GOMIDE, C. A. **Fundamentos e estratégias do manejo de pastagens. I Simpósio de produção de gado de corte**, 1999. p. 179 – 200.

HANASHIRO, M. M., et al. Transferencia de tecnologias apropriadas para a agricultura familiar: uma experiencia de ação integrada no estado de São Paulo. **Cadernos de ciência e tecnologia**, Brasília, v. 28, n. 1, p.51-80, Jan/abr. 2011

JORDAN, E.R. Effects of heat stress on reproduction. **Journal of Dairy Science**, v.86, p. E104-E114, 2003. (Supplement).

LOPES, M. A. et al. Controle gerencial e estudo da rentabilidade de sistemas de produção de leite na região de Lavras (MG). **Ciência e agrotecnologia**, Lavras, V. 28, N. 4, p. 883 – 892, Jul/ago, 2004.

MACHADO, L. A. Z. **Manejo de pastagem nativa**. Guaíba: Agropecuária, 1999. 158p.

MARTHA JÚNIOR, G.B. et al. **Área do piquete e taxa de lotação no pastejo rotacionado**. Comunicado técnico. Planaltina DF, 2003. 8 p.

MS tem 8 milhões de ha degradados. **Jornal o estado de São Paulo**, São Paulo, 20 set. 2011.

NASCIMENTO, Dênis Aguero. **Sistema de Manejo Racional de Pastagens - Método Voisin**. UNIGRAN: Dourados, 2011.

PEIXOTO, M. **Extensão rural no Brasil – uma abordagem histórica da legislação**. Consultoria legislativa do senado federal, Brasília, 50 p. out/2008.

PHYTOSUL, **O leite**. Disponível em: < <http://phytosul.com/saude/62-o-leite.html> > Acesso em: 04 jun. 2012.

PEREIRA, R.F.C. **Práticas de gestão na agricultura familiar: um estudo com pequenos grupos de produtores de leite no município de Unaí – MG**. 2011. 179 p. Dissertação (Mestrado em Agronegócios), Universidade de Brasília, Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Brasília, 2011.

Projeto **CNATER**, aprovado no edital PROPOSTA SUBMETIDA AO EDITAL MCT/CNPq/MDA/SAF/DATER N° 058/2010 CHAMADA 2, em execução. Coordenador Samuel Laudelino Silva.

Projeto **FORMATER**, aprovado no EDITAL MCT/CNPq/MDA/SAF/DATER N° 033/2009 CHAMADA 3, em execução. Coordenador Samuel Laudelino Silva;

ROSANOVA, C. e RIBEIRO, D. de C. **Caracterização sócio-econômica dos produtores de leite da agricultura familiar e análise da informalidade no município de Palmas/TO.** Anais eletrônicos. 1ª jornada de iniciação científica e extensão do IFTO. Palmas, 2010.

RUAS, J. R. M. et. al. Influência da frequência de ordenhas diárias sobre a eficiência produtiva de vacas mestiças holandês-zebu e o desempenho dos seus bezerros. **Revista Brasileira de Zootecnia**, V. 35, N. 2, p. 428 – 434, 2006.

SANTOS, S. R. dos. **Os serviços de assistência técnica e extensão rural no Brasil.** 2009. Disponível em: <<http://www.agronline.com.br/artigos/os-servicos-assistencia-tecnica-extensao-rural-brasil>>. Acesso em: 01 jun. 2012.

STODUTO, L. **Benefícios do leite.** Bem leve. Disponível em: <<http://bemleve.bolsademulher.com/qualidade-de-vida/beneficios-do-leite/1283>> Acesso em: 04 jun. 2012.

TEODORO, R.L. E VERNEQUE, R. da S. **Orientações para o controle leiteiro.** Instrução técnica para o produtor de leite. Embrapa. Juiz de Fora MG, 2006. 2 p.

TROVATTO, C. M. et al. Capacitação em Agroecologia: Síntese dos Esforços do Departamento de Assistência Técnica e Extensão Rural da Secretaria da Agricultura Familiar do Ministério do Desenvolvimento Agrário DATER/SAF/MDA, de 2004 a 2008. **Revista Brasileira De Agroecologia**, V. 4, N. 2, p. 1687-1690, nov. 2009.

VEIGA, J. B. da; TOURRAND, J. F. **Pastagens cultivadas na Amazônia brasileira: situação atual e perspectivas.** Belém, PA: Embrapa Amazônia Oriental, 2001. 36 p. (Embrapa Amazônia Oriental, Documentos, 83)

WEISSHEIMER, C., et.al. Caracterização preliminar das atividades da agricultura familiar em assentamento de reforma agrária situada em domínio de floresta na bacia do Alto Xingu. **Revista Brasileira De Agroecologia**, v. 2, n. 2, p. 211-214, Out. 2007.

ANEXO - QUESTIONÁRIO PARA MENSURAÇÃO DA PRODUÇÃO LEITEIRA NA GLEBA CORONEL ARI

QUESTIONÁRIO 01

PANORAMA DE PRODUÇÃO DE PEQUENAS PROPRIEDADES SITUADAS NA GLEBA CORONEL ARI: MUNICÍPIO DE PONTES E LACERDA-MT – UM ESTUDO DE CASO.

ITEM 1 – CARACTERÍSTICAS PESSOAIS

NÚMERO _____

Objetivo: Identificar o morador/Agricultor Familiar

a) Nome:		b) Idade:	
c) Naturalidade:	d) Estado:		e) Grau de escolaridade:
f) Possui filhos? sim () não ()	g) Quantos?	h) Quantos estão estudando?	i) Data ____/____/____
j) Quanto à propriedade, recebe orientações técnicas de profissionais de ATER? () sim () não se, sim de que categoria? () zootecnista () agrônomo () médico veterinário () téc. agrícola () outros			
l) Qual é a principal atividade desenvolvida: Leite () Corte ()			

ITEM 2 – CARACTERÍSTICAS DA PROPRIEDADE

Objetivo: Identificar características da produção leiteira

a) Qual a área (ha) total da propriedade?
b) Qual área destinada à pecuária leiteira e/ou corte ?
c) Número de animais destinados a produção leiteira?
d) Qual o tipo de forrageira predominante na propriedade?
e) Qual forrageira é fornecida aos animais leiteiros?
f) Oferece concentrado aos animais? () sim () não; se sim qual?
g) Qual a relação volumoso X concentrado utilizado na suplementação?
i) Qual é a raça do rebanho leiteiro?
j) Realiza inseminação artificial? () sim () não se, sim quem faz?
l) Qual a produção diária de leite da propriedade?
m) Quantos animais estão atualmente em lactação? e, quantos estão em descanso?
n) Quantas ordenhas são realizadas diariamente?
o) É realizado um controle leiteiro mensal na propriedade?
p) Qual o tipo de pastejo utilizado na propriedade?

q) Quantos piquetes possui a propriedade?
r) Quantos dias os animais permanecem em cada piquete?
s) Quantos animais em cada piquete?
t) Possui funcionários na propriedade? Quantos?
u) Qual a fonte de água da propriedade?
v) Pra qual empresa é entregue o leite?
w) Possui tanque de expansão?..... Qual o tamanho?.....
x) Qual a distancia da área de pastejo e a do curral para o bebedouro?
y) Fornece sal mineral? Como é realizado o fornecimento deste produto?
z) Qual a marca do sal mineral?..... É próprio pra o gado leiteiro?
A1) Qual a distancia dos piquetes para o curral?
B1) Qual o horário da ordenha?..... É freqüente?
C1) Como é a apartação dos bezerros?
D1) Como é a disponibilidade de sombra para os animais?
E1) Qual a sua renda mensal (R\$) com a produção de leite?
F1) Qual o seu objetivo com relação a sua produção leiteira?
G1) Está satisfeito com sua renda mensal e com sua produção leiteira?
H1) se você pudesse mudar algo com relação a sua produção leiteira e tudo que a envolve, o que você mudaria?

Estes dados possivelmente serão utilizados para publicações em diversos anais.

Assinatura do Produtor